

ISSN: 1983-8379

## Engajamento político em tempos de exceção: Um estudo da produção poética de Pablo Neruda

Clarice Cerqueira Fernandes<sup>1</sup>

**RESUMO:** O poeta chileno Pablo Neruda foi um eterno engajado, um incansável defensor do povo. Seus versos serviram de instrumento e arma contra as injustiças sociais de seu tempo. O presente artigo se propõe avaliar o comportamento político e o discurso poético do escritor em meio a diversos períodos de exceção, como a Guerra Civil Espanhola, a Segunda Guerra Mundial, duas ditaduras no Chile e o exílio. Para este estudo, deve-se levar em conta a relação do poeta com a causa comunista.

Palavras-chave: Pablo Neruda; Engajamento político; Poesia.

**RESUMEN:** El poeta chileno Pablo Neruda fue un eterno militante, un defensor incansable del pueblo. Sus versos sirvieran de instrumento y arma contra las injusticias sociales de su tiempo. Este artículo se propone evaluar el comportamiento político y el discurso poético del escritor en medio a diversos períodos de excepción, como la Guerra Civil Española, la Segunda Guerra Mundial, dos dictaduras en Chile y el exilio. Para este estudio, se debe tener en cuenta la relación del poeta con la causa comunista

Palabras-llave: Pablo Neruda; Militancia política; Poesía.

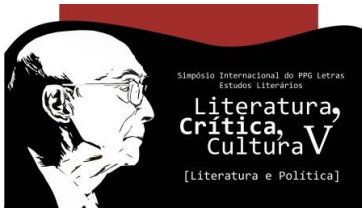
O escritor chileno Neftalí Ricardo Reyes Basoalto, mais conhecido pelo pseudônimo Pablo Neruda<sup>2</sup>, é considerado um dos maiores poetas do século XX. Sua obra completa – que reúne mais de 40 livros, escritos entre 1923 e 1973 – tem fases bastante distintas. Ele pode ser o poeta lírico e angustiado, de *Vinte poemas de amor e uma canção desesperada* (1924), ou elaborar versos de cunho político e, em alguns momentos, com características épicas, como é o caso de *Canto Geral* (1950). A criação poética de Neruda ainda tem o lado vanguardista, surrealista, autobiográfico, popular, dentre outros.

Para o presente trabalho, interessa-nos o lado político da lírica nerudiana, compreendendo que no autor chileno a relação do “homem político” e do “homem poético” é

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

<sup>2</sup> Neruda sempre relutou em falar de seu pseudônimo. No entanto, na autobiografia *Confesso que vivi* (1983), o escritor chileno relata que pelo fato de seu pai não concordar em ter um filho que escrevesse poesias, ele adotou, aos quatorze anos, o nome Pablo Neruda, inspirado no poeta tcheco Jan Neruda, para encobrir a publicação de seus primeiros versos. Na época, Neruda retirou esse nome de uma revista, sem saber que se tratava de um grande escritor.



ISSN: 1983-8379

praticamente indissociável. Os versos engajados de Pablo Neruda são o reflexo de uma vida com participação efetiva nos processos políticos e sociais chilenos, latino-americanos e até mesmo mundiais. Como figura representativa da esquerda e do Partido Comunista, Neruda foi um incansável defensor do povo, um dedicado militante que usou seus versos como instrumento e arma de combate contra as injustiças sociais.

Para tanto, pretende-se revelar aqui as raízes e a consolidação do engajamento político de Pablo Neruda em meio a diversos períodos de exceção, como: a Guerra Civil Espanhola (1936-1939); a Segunda Guerra Mundial (1939-1945); a ditadura de Gabriel González Videla (1946-1952) e a respectiva perseguição política deste governo, culminando no exílio forçado de Neruda; os inúmeros exílios voluntários ao longo da vida do poeta, resultado da carreira diplomática; e por fim, o golpe militar de 1973 que levou ao assassinato do presidente Salvador Allende e ao começo de uma nova ditadura no Chile. Além disso, faz-se necessário a análise do comportamento político e do discurso poético do escritor nos contextos mencionados, levando em consideração sua relação com o comunismo.

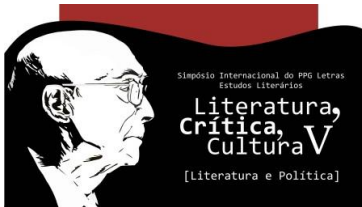
Conforme Adriane A. Vidal Costa, no artigo “Pablo Neruda: um poeta engajado”:

Sabemos que a poesia nerudiana dá “politicidade” ao poético e “poeticidade” ao político. Consideramos relevante citar aqui Carlos Fuentes, ao referir-se à fusão do estético e do político na narrativa hispano-americana: “Existem dois cavalos, o estético e o político, e que o romancista hispano-americano deve montar em ambos ao mesmo tempo, ou ainda que talvez esses cavalos sejam um só e o mesmo, porque toda obra literária fiel a suas premissas e lograda em sua realização, em sua expressão, tem um significado social” (COSTA, 2006, p. 135).

A união do estético com o político na poesia nerudiana ocorre definitivamente a partir dos anos de 1930. Tal período foi assinalado pela divisão do mundo em três segmentos ideológicos a considerar: o capitalismo, o comunismo e o fascismo. Para Inês Skrepetz, em “Neruda e a guerra” (2007), os idealistas acreditavam ser o comunismo soviético a possibilidade real de uma frente antifascista. Além disso, o mundo comunista apresentava-se como o “único contraponto existente para a exaustão do mundo capitalista ainda alquebrado pela crise de 1929” (SKREPETZ, 2007, p. 74).

Em 1934, Pablo Neruda parte para a Espanha, onde vai exercer o cargo de cônsul na embaixada chilena, inicialmente em Barcelona e depois, em Madrid. Na capital, o poeta entra em contato e faz amizade com os escritores da chamada “Geração de 27” que incluía Federico

2



ISSN: 1983-8379

García Lorca, Rafael Alberti, Luis Cernuda, dentre outros. Neste período, a república espanhola estava consolidada, tendo no poder a Frente Popular, uma coligação de esquerda. Em julho de 1936, em reação à república e ao seu governo de esquerda, o general fascista Francisco Franco dá início à Guerra Civil Espanhola, que duraria até 1939.

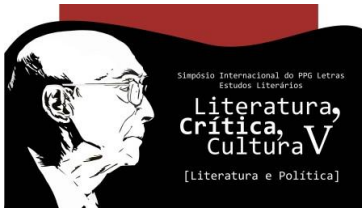
Ao longo da segunda metade da década de 30, os espanhóis aprenderam a ter medo dos dias bonitos e de céu claro. Não um simples medo, mas talvez um completo pavor: um horror absurdo, abjeto, capaz de tornar uma das mais belas manifestações da natureza numa preocupação paranóica de terror e angústia. A vida cotidiana da sociedade espanhola havia se tornado numa dura condição psicológica causada pelos constantes e inevitáveis bombardeios aéreos. A aviação da época havia adotado, como estratégia de ataque, realizar suas incursões ao longo do dia, com o céu claro, o que possibilitava uma boa visualização dos alvos (SKREPETZ, 2007, p. 73).

Tal fato mudaria para sempre o rumo da poesia de Pablo Neruda, despertando no escritor um compromisso político e social, presente em seus versos até o fim de sua vida. O resultado dessa traumática experiência foi a publicação, em 1937, de *España en el corazón, himno a las glorias del pueblo en guerra*. No livro, com uma tiragem inicial de apenas 500 exemplares, Neruda assume uma postura deliberadamente antifascista, como é possível notar no poema “Generales traidores”:

Generales  
traidores:  
mirad mi casa muerta,  
mirad España rota:  
pero de cada casa muerta sale metal ardiendo  
en vez de flores,  
pero de cada hueco de España,  
sale España,  
pero de cada niño muerto sale um fusil com ojos,  
pero de cada crimen nacen balas,  
que os hallarán um dia el sitio  
del corazón.

Preguntaréis ¿ por qué su poesía  
no nos habla del sueño, de las hojas,  
de los grandes volcanes de su país natal?

¡Venid a ver la sangre por las calles,  
venid a ver,  
la sangre por las calles,  
venid a ver la sangre,  
por las calles! (NERUDA, 1937, p. 8)



ISSN: 1983-8379

O texto, além de apontar que a experiência do escritor com o conflito foi direta e pessoal, revela uma mudança de discurso. Neruda deixará de ser o poeta lírico e amoroso, que “nos habla del sueño, de las hojas, de los grandes volcanes de su país”, para cantar as dores de um povo massacrado, de um país destruído, onde há “sangre por las calles”.

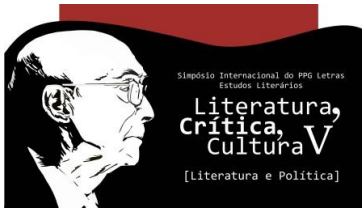
Em sua autobiografia, *Confesso que vivi*, Neruda assume que a Guerra Civil Espanhola foi um grande marco para sua poesia. O escritor chileno confirma uma mudança em seu discurso poético a partir, principalmente, do desaparecimento e posterior assassinato do poeta Federico García Lorca:

Um milhão de espanhóis mortos! Um milhão de exilados! Parecia que jamais se apagaria da consciência humana esse espinho sangrento. No entanto, os rapazes que agora desfilam diante da guarda moura provavelmente ignoram a verdade dessa história tremenda. Tudo começou para mim na noite de 19 de julho de 1936. (...) a guerra da Espanha, que mudou minha poesia, começou para mim com o desaparecimento de um poeta [Federico García Lorca] (NERUDA, 1983, p. 109-110).

O escritor espanhol era um grande amigo de Neruda. O chileno o admirava por ser um artista único, não apenas na poesia como também na prosa, no teatro e na música. Sobre Lorca, Neruda ainda escreve:

Federico García Lorca não foi fuzilado; foi assassinado. Naturalmente ninguém podia pensar que o matariam algum dia. De todos os poetas da Espanha era o mais amado, o mais querido e o mais semelhante a um menino pela sua alegria maravilhosa. Quem poderia crer que tivesse sobre a terra, e sobre sua terra, monstros capazes de um crime tão inexplicável? Aquele crime foi para mim o acontecimento mais doloroso de uma longa luta. A Espanha sempre foi um campo de gladiadores, uma terra com muito sangue. A praça de touros, com seu sacrifício e sua elegância cruel, repete - ornamentado festivamente - o antigo combate mortal entre a sombra e a luz (NERUDA, 1983, p. 111).

Dessa forma, a Guerra Civil também possibilitou um envolvimento maior do chileno com os conflitos políticos da época, marcados pelo embate entre o nazi-fascismo, de um lado, e o comunismo, liderado pela União Soviética, de outro. Nesse momento, Neruda ainda não era um militante da esquerda, mas um militante antifascista que se identificava com o comunismo.



ISSN: 1983-8379

Ao regressar ao Chile, em outubro de 1937, o poeta tinha a intenção de colocar em prática um duplo projeto: ampliar e intensificar a batalha antifascista intercontinental, através da solidariedade com a Espanha republicana e com as campanhas da Internacional Comunista, patrocinadas pela União Soviética; e escrever um livro sobre seu país que se chamaria *Canto Geral do Chile*. Este último projeto tomou outro caminho – o que seria uma obra dedicada ao Chile tornou-se em 1950 num grande poema dedicado à América Latina: *Canto geral*.

Se a Guerra Civil Espanhola transformou Neruda num intelectual de matriz antifascista, mais próximo ao comunismo, a Segunda Guerra Mundial serviu para aprofundar essa convicção política. Segundo Adriane A. Vidal Costa, a visão do poeta sobre os episódios da grande guerra “era essencialmente maniqueísta: de um lado estava o inimigo, representado pelos nazistas; de outro estava a URSS, a força amiga que iria derrotar a *besta imunda*” (COSTA, 2006, p. 151).

Na medida em que os soviéticos lutavam contra os alemães e obtinham êxito, aumentava o prestígio da nação comunista diante do poeta chileno. A invasão do exército nazista, comandado pelo general Von Pulus, a Stalingrado, em 1942, e a épica resistência soviética com a derrota dos alemães, em 1943, serviram de inspiração para dois poemas de Neruda: “Canto a Stalingrado” e “Nuevo canto de amor a Stalingrado”. O primeiro foi lido em público e espalhado pelas ruas da Cidade do México, provocando diversas reações contrárias. Alguns achavam que as ruas não eram lugares para poesia, outros diziam que o texto político era uma profanação da poesia. Como resposta às provocações, Neruda escreveu o longo “Nuevo canto de amor a Stalingrado”:

Yo escribí sobre el tiempo y sobre el agua,  
describí el luto y su metal morado,  
yo escribí sobre el cielo y la manzana,  
ahora escribo sobre Stalingrado.

Ya la novia guardó con su pañuelo  
el rayo de mi amor enamorado,  
ahora mi corazón está en el suelo,  
en el humo y la luz de Stalingrado.

Yo toqué con mis manos la camisa  
del crepúsculo azul y derrotado:  
ahora toco el alba de la vida  
naciendo con el sol de Stalingrado.



ISSN: 1983-8379

Yo sé que el viejo joven transitorio  
de pluma, como un cisne encuadrado,  
desencuaderna su dolor notorio  
por mi grito de amor a Stalingrado.

Yo pongo el alma mía donde quiero.  
Y no me nutro de papel cansado  
adobado de tinta y de tintero.  
Nací para cantar a Stalingrado.

Mi voz estuvo con tus grandes muertos  
contra tus propios muros machacados,  
mi voz sonó como campana y viento  
mirándote morir, Stalingrado (NERUDA, 1943, s/p).

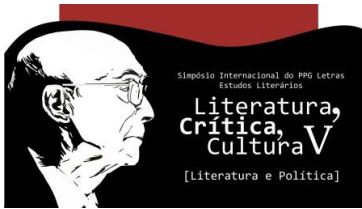
Em uma estrofe mais à frente, Neruda retoma a imagem da Espanha que ele vira ser destruída pelos bombardeios nazi-fascistas, durante a Guerra Civil. No entanto, agora, o inimigo vencido se põe aos pés de Stalingrado, a representação alegórica da vitória comunista na Segunda Guerra Mundial:

Los que España quemaron y rompieron  
dejando el corazón encadenado  
de esa madre de encinos y guerreros,  
se pudren a tus pies, Stalingrado (NERUDA, 1943, s/p).

Na última estrofe de “Nuevo canto de amor a Stalingrado”, o poeta chileno, ao usar a metáfora *granada oscura* para sua poesia, revela-nos que os versos engajados funcionam como instrumento e arma contra as injustiças cometidas pelo Eixo:

Guárdame un trozo de violenta espuma,  
guárdame un rifle, guárdame un arado,  
y que lo pongan en mi sepultura  
con una espiga roja de tu estado,  
para que sepan, si hay alguna duda,  
que he muerto amándote y que me has amado,  
y si no he combatido en tu cintura  
dejo en tu honor esta granada oscura,  
este canto de amor a Stalingrado (NERUDA, 1943, s/p).

Próximo ao fim da guerra, em 1943, Neruda envolve-se com a política interna de seu país. O poeta abandonou por um tempo a carreira diplomática e tornou-se candidato independente ao Senado, pela lista do Partido Comunista Chileno (PCC), ainda com o nome



ISSN: 1983-8379

Neftalí Reyes. Em boa parte de 1944 e nos primeiros meses de 1945, Neruda fez campanha pelas províncias de Tarapacá e Antofagasta, percorrendo cidades, povoados e acampamentos do extremo norte do Chile, mantendo contato com trabalhadores urbanos e rurais, em especial com os mineiros de cobre e salitre:

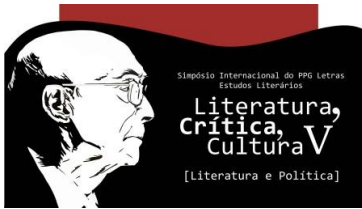
Esta gente sem escola e sem sapatos elegeram-me senador da república a 4 de março de 1945. Ficarei sempre orgulhoso por terem votado em mim milhares de chilenos da região mais dura do Chile, região da grande mineração, de cobre e salitre. Era difícil e áspero caminhar pelo pampa. Há meio século não chove nessas regiões e o deserto marcou a fisionomia dos mineiros. São homens de rostos queimados; toda sua expressão de solidão e de abandono concentra-se nos olhos de escura intensidade. Subir do deserto até a cordilheira, entrar em cada casa pobre, conhecer as tarefas desumanas, e sentir-se depositário das esperanças do homem ilhado e submerso não é uma responsabilidade qualquer. No entanto minha poesia abriu o caminho de comunicação e pude andar e circular e ser recebido como um irmão imorredouro por meus compatriotas de vida dura (NERUDA, 1983, p. 151).

Segundo Hernán Loyola (1999), uma avalanche de votos em favor do candidato Reyes fez de Pablo Neruda um senador da República. Sem perder tempo, o poeta iniciou os trâmites destinados a legalizar para o cidadão o nome já consagrado do escritor. No dia oito de julho do mesmo ano, Neruda assumiu oficialmente sua condição de comunista ao receber pela primeira vez a caderneta do partido. A filiação ao PCC foi de extrema importância na vida do poeta. Em seus versos, ele declara constantemente amor ao partido, como é possível notar no poema “A meu partido”, do livro *Canto Geral* (1984):

Me deste a fraternidade para o que não conheço.  
Me acrescentaste a força de todos os que vivem.  
Me tornaste a dar a pátria como em um nascimento.  
Me deste a liberdade que não tem o solitário.  
Me ensinaste a acender a bondade, como o fogo.  
Me deste a retidão que necessita a árvore.  
Me ensinaste a ver a unidade e a diferença dos homens.  
Me mostraste como a dor de um ser morreu na vitória de todos.  
Me ensinaste a dormir nas camas duras de meus irmãos.  
Me fizeste construir sobre a realidade como sobre uma rocha.  
Me fizeste adversário do malvado e muro do frenético.  
Me fizeste ver a claridade do mundo e a possibilidade da alegria.  
Me fizeste indestrutível porque contigo não termino em mim mesmo (NERUDA, 1984, p. 473).

No Senado, Neruda fica insatisfeito ao ver que as portas dos gabinetes estão sempre fechadas para as reivindicações do povo. Todas as suas propostas são barradas, até que surge

7



ISSN: 1983-8379

uma esperança: Gabriel González Videla, um candidato à Presidência da República com uma proposta diferenciada. Sob uma aliança do Partido Radical e do Partido Comunista, Videla elege-se com uma boa margem de votos, em 1946.

Mas os tempos de bonança duraram pouco. Conforme Neruda, em sua autobiografia, “os presidentes em nossa América criolla sofrem muitas vezes uma metamorfose extraordinária. (...) rapidamente mudou de amigos o novo mandatário [Videla], ligou sua família com a *aristocracia* e pouco a pouco converteu-se de demagogo em magnata” (NERUDA, 1983, p. 155).

Ao assumir o poder, Videla colocou na ilegalidade o PCC, criou campos de concentração para presos políticos e promulgou a “lei da defesa da democracia”, mais conhecida como “lei maldita”, uma vez que dava liberdade ao presidente para perseguir qualquer um que fosse contra a ditadura em que se tornava esse governo. Neste período, começava a Guerra Fria e seus efeitos eram sentidos no país latino-americano que tinha um dos mais fortes partidos comunistas do ocidente (atrás apenas da Itália e da França).

Em seis de janeiro de 1948, Neruda (já com o pseudônimo legalizado) faz um discurso no Parlamento intitulado “Yo acuso”<sup>3</sup>, no qual leu 650 nomes de presos políticos do governo traidor. Em 30 dias o poeta foi deposto do cargo e veio a ordem de prisão. Neruda passa, então, à clandestinidade, viajando pelos Andes, como fugitivo, rumo à Argentina e, de lá, para o exílio na Europa. O desterro do escritor durou até 1952, quando sua ordem de prisão foi revogada.

Literalmente protegido por su pueblo, pasando de un refugio a otro, Neruda logró burlar a la policía de González Videla y ocultarse en el interior del país hasta febrero de 1949, cuando a caballo, con la barba y la falsa identidad del señor Antonio Ruiz – empleado, ganadero u ornitólogo según la ocasión, atravesó Los Andes por la región austral hacia Argentina (a esa fuga aludió el discurso del Nobel, Estocolmo 1971 ). El 25.4.1949 fue el día memorable de la espectacular reaparición pública de Neruda en París, durante la clausura del Primer Congreso Mundial por la Paz (LOYOLA, 1999, p. 38).

É durante essa fuga arriscada pelos Andes que Pablo Neruda escreve seu texto engajado mais importante: *Canto Geral* (1984). O livro, publicado em 1950, é a resposta

---

<sup>3</sup> Provavelmente, Pablo Neruda inspirou-se no artigo “J’accuse” redigido por Émile Zola, a respeito do caso Dreyfus, e publicado no jornal francês “L’Aurore” do dia 13 de janeiro de 1898 sob a forma de uma carta ao presidente da República Francesa, Félix Faure.





ISSN: 1983-8379

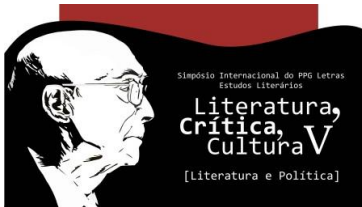
poética à traição de Videla e às injustiças históricas cometidas na América Latina, obra na qual ele transforma seu verso em arma de combate, denunciando os crimes do imperialismo norte-americano e fazendo uma revisão histórica dos séculos de dominação estrangeira e, também, das lutas de resistência.

No poema “González Videla, o traidor do Chile”, presente em *Canto Geral*, Neruda faz denúncias ao ditador que o persegue e ao imperialismo norte-americano que, para o poeta, é um manipulador desse governo:

É González Videla a ratazana que sacode  
o seu pelame cheio de esterco e de sangue  
sobre a terra minha que vendeu. Cada dia  
tira de seus bolsos as moedas roubadas  
e pensa se amanhã venderá terras ou sangue.  
Tudo traiu.  
Subiu como um rato aos ombros do povo  
e dali, roendo a bandeira sagrada  
de meu país, ondula sua cauda roedora  
dizendo ao abastado, ao estrangeiro, dono  
do subsolo do Chile: “Bebei o sangue todo  
deste povo, eu sou o mordomo dos suplícios”.  
Triste clown, miserável  
mescla de mono e rato, cujo rabo  
penteiam em Wall Street com pomada de ouro,  
não passarão os dias sem que caias do galho  
e passes a ser o montão de imundície evidente  
que o transeunte evita pisar nas esquinas! (NERUDA, 1984, p. 241-243)

Dessa forma, não escapará aos olhos de Pablo Neruda quem é o verdadeiro opressor que age por trás dos ditadores e dos políticos corruptos da América Latina. González Videla, por exemplo, nos é apresentado no poema citado como um mero “mordomo dos suplícios” a serviço de “Wall Street”. Assim, o poeta chileno denuncia e nomeia os reais exploradores do povo, se levantando contra o poder imperialista, como podemos observar na leitura de alguns versos de “A United Fruit Co.”:

Quando soou a trombeta, ficou  
tudo preparado na terra,  
e Jeová repartiu o mundo  
entre a Coca-Cola, a Anaconda,  
Ford Motors, e outras entidades:  
a Compañía Frutera Inc.  
reservou para si o mais suculento,  
a costa central de minha terra,



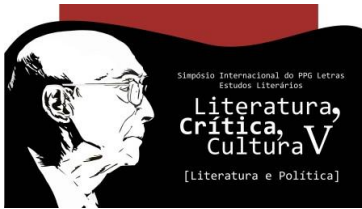
ISSN: 1983-8379

a doce cintura da América.  
Batizou de novo suas terras  
como “Repúblicas Bananas”,  
e sobre os mortos adormecidos,  
sobre os heróis inquietos  
que conquistaram a grandeza,  
a liberdade e as bandeiras,  
estabeleceu a ópera-bufa:  
alienou os árbitros,  
presenteou coroas de César,  
desembainhou a inveja, atraiu  
a ditadura das moscas,  
moscas Trujillo, moscas Tachos,  
moscas Carías, moscas Martínez,  
moscas Ubico, moscas úmidas  
de sangue humilde e marmelada,  
moscas bêbadas que zumbem  
sobre as tumbas populares,  
moscas de circo, sábias moscas  
entendidas em tirania (NERUDA, 1984, p. 215-216).

Nestes versos, o poeta mais uma vez indica os verdadeiros algozes da América Latina: as grandes multinacionais representantes dos Estados Unidos, como a Coca-Cola, a Anaconda, a *Ford Motors* e a *Compañía Frutera*. E para melhor atender as demandas do imperialismo, ditaduras subservientes instalaram-se pelas “Repúblicas Bananas”. Neruda também nomeia quem são estes déspotas “moscas”: Trujillo, Tachos, Carías, Martínez e Ubico.

Em *Canto Geral*, Pablo Neruda também busca conhecer e compreender seu próprio espaço de enunciação – a América. O poeta impõe-se à tarefa de criar uma expressão original cujas raízes estão na natureza, na vida e nos homens desse continente. Esta natureza serve de suporte para a história de sua gente, de suas relações entre eles mesmos e outros homens. Para Eugenia Neves, “él tono épico de la narración impone una línea divisoria muy precisa entre unos y otros, entre la justicia y la injusticia, entre los buenos y los malos, entre la realidad y la esperanza, desde el período posterior a la llegada de los españoles hasta 1950” (NEVES, 1999, p. 6).

O “descobrimento” da América é relatado por Neruda como um acontecimento fatídico que põe fim a um período de vida próprio do continente e dá início a outro, em que se produz um enfrentamento entre duas culturas, dois mundo distintos. Um enfrentamento que desde então estabelece a contradição entre vencedor e vencido, definindo a verdadeira história



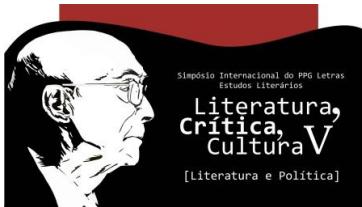
ISSN: 1983-8379

de exploração e submissão da América. O poeta acaba com a noção estereotipada do nativo, como o “bom selvagem”, e o conquistador nos é apresentado por uma imagem sórdida, conforme nota-se no poema “Chegam pelas ilhas (1493)”:

Os carneiros desolaram as ilhas.  
Guanahaní foi a primeira  
nesta história de mártires.  
Os filhos da argila viram partido  
seu sorriso, ferida  
sua frágil estatura de gamos,  
e nem mesmo na morte entendiam.  
Foram amarrados e feridos,  
foram queimados e abrasados,  
foram mordidos e enterrados.  
E quando o tempo deu sua volta de valsa  
dançando nas palmeiras,  
o salão verde estava vazio.  
Só ficavam ossos  
rigidamente colocados  
em forma de cruz, para maior  
glória de Deus e dos homens.  
Das gredas ancestrais  
e da ramagem de sotavento  
até as agrupadas coralinhas  
foi cortando a faca de Narváez.  
Aqui a cruz, ali o rosário,  
aqui a Virgem do Garrote.  
A jóia de Colombo, Cuba fosfórica,  
recebeu o estandarte e os joelhos  
em sua areia molhada (NERUDA, 1984, p. 50-51).

Ao tratar dos discursos pronunciados por Pablo Neruda, no momento em que o poeta chileno ganha o Prêmio Nobel de Literatura (em 1971), Eugenia Neves ressalta dois aspectos fundamentais: primeiro, o escritor reafirma seu conceito de literatura como uma espécie de tarefa social de descobrimento e expressão do mundo e do próprio poeta; e segundo, em relação à literatura, Neruda entende que possui uma função de participar dos esforços sociais do mundo iberoamericano, a fim de forjar uma vida melhor e mais apropriada no continente. Em relação a si mesmo, Neruda se reconhece como poeta chileno e latino-americano:

Argumenta que esta denominación no tiene para él un carácter regionalista estático, ni se orienta a una necesidad descriptiva de su país y de su continente. Su condición de poeta chileno e iberoamericano lo hace asumir la búsqueda poética de la realidad a la cual pertenece. Una necesidad poética que él siente una urgencia vital en cuanto



ISSN: 1983-8379

esa realidad es desconocida, confinada al olvido, y muy a menudo, incluso despreciada por los mismos chilenos e iberoamericanos (NEVES, 1999, p. 2).

A preocupação do poeta com o fato de ser latino-americano refletirá no uso de uma linguagem que se adeque a esta realidade. Neruda buscou simplificar sua poesia a fim de torná-la mais acessível ao povo, aos trabalhadores. Os poemas deveriam ser realistas, com ideal revolucionário e de extrema simplicidade. O texto é praticamente um discurso político, quase panfletário. Um exemplo que pode ilustrar essa fase é “Dito no Pacaembu”, também do livro *Canto Geral* (1984). O poema foi escrito em homenagem Luís Carlos Prestes e lido para milhares de pessoas no estádio:

Quantas coisas quisera hoje dizer, brasileiros,  
quantas histórias, lutas, desenganos, vitórias,  
que levei anos e anos no coração para dizer-vos, pensamentos  
e saudações. Saudações das neves andinas,  
saudações do oceano Pacífico, palavras que me disseram  
ao passar os operários, os mineiros, os pedreiros, todos

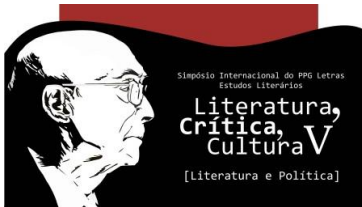
os povoadores de minha pátria longínqua.  
Que me disse a neve, a nuvem, a bandeira?  
Que segredo me disse o marinheiro?  
Que me disse a menina pequenina dando-me espigas?

Uma mensagem tinham: Era: Cumprimenta Prestes.  
Procura-o, me diziam, na selva ou no rio.  
Aparta suas prisões, procura sua cela, chama.  
E se não te deixam falar-lhe, olha-o até cansar-te  
e nos conta amanhã o que viste.

Hoje estou orgulhoso de vê-lo rodeado  
por um mar de corações vitoriosos.  
Vou dizer ao Chile: Eu o saudei na viração  
das bandeiras livres de seu povo (NERUDA, 1984, p. 171-172).

A essa concepção estética chamou-se realismo socialista. A adesão de Pablo Neruda a ela deu-se definitivamente, em 1949, após uma viagem à União Soviética. Tal doutrina imperou na nação comunista até os anos da *Perestroika*, na década de 1980.

O surgimento do realismo socialista remonta ao ano 1918 (um ano depois da revolução – que hoje se prefere chamar de golpe – bolchevique), quando o Comitê Central do Partido Social-Democrata (posteriormente renomeado de Comunista) russo chamou os artistas a criar uma arte realista de propaganda socialista, acessível às grandes massas. Em 1920, o jornal comunista Pravda dedica páginas e páginas



ISSN: 1983-8379

aos ataques às “invenções abstratas inspiradas pela pequena burguesia”. Em 1922, foi criada a Associação dos Pintores da Rússia Revolucionária inspirada nas teorizações de M. Gorki, quem proclamou como tarefa da arte apresentar, de maneira “artística e ao mesmo tempo documental” o triunfo das realizações da revolução. Dessa maneira, numa obra de arte, o que deve adquirir maior relevância é tão somente a temática específica: o “conteúdo” predomina sobre a “forma” (GODOY, 2005, p. 156).

A linguagem panfletária expressa em “Dito no Pacaembu” apareceu em muitos poemas posteriores do escritor chileno. Provavelmente, o livro que melhor ilustra a estética do realismo socialista na poesia nerudiana é *Las uvas y el viento*, uma espécie de diário de viagem em versos, no qual Neruda narrou suas experiências durante o exílio forçado. Publicado em 1954, a obra contém poemas de conteúdo geográfico e político, dedicados principalmente ao mundo socialista. No prólogo “Tenéis que oírme”, se anuncia um rapsoda que canta errante mundo afora, como os antigos gregos:

Yo fui cantando errante,  
entre las uvas  
de Europa  
y bajo el viento,  
bajo el viento en el Asia.

Lo mejor de las vidas  
y la vida,  
la dulzura terrestre,  
la paz pura,  
fui recogiendo, errante,  
recogiendo.

Lo mejor de una tierra  
y otra tierra  
yo levanté en mi boca  
con mi canto:  
la libertad del viento,  
la paz entre las uvas.

Parecían los hombres  
enemigos,  
pero la misma noche  
los cubría  
y era una sola claridad  
la que los despertaba:  
la claridad del mundo.

Yo entré en las casas cuando  
comían en la mesa,



ISSN: 1983-8379

venían de las fábricas,  
reían o lloraban.

Todos eran iguales.

Todos tenían ojos  
hacia la luz, buscaban  
los caminos.

Todos tenían boca,  
cantaban  
hacia la primavera.

Todos.

Por eso  
yo busqué entre las uvas  
y el viento  
lo mejor de los hombres.

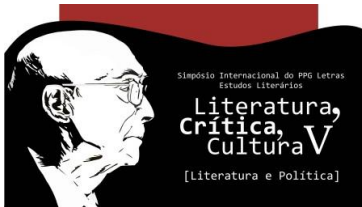
Ahora tenéis que oírme (NERUDA, 1954, s/p).

A relação do poeta com os companheiros mais pobres e humildes é de explícita solidariedade. Como um bom comunista, Neruda enxerga a todos como iguais e torna-se um porta-voz dessa gente (“Ahora tenéis que oírme”).

Neruda habla para el pueblo, como tribuna del pueblo – para recordar el concepto bolchevique – pero no es el pueblo mismo que habla, el sujeto colectivo de, en palabra de Martí (en “Nuestra América”), “masas mudas de indios”. De hecho, en los versos de Neruda ese sujeto está muerto (“boca muerta”), o enterrado en su propio mutismo, del cual sólo la voz del poeta le puede rescatar (BEVERLEY, 1997, p. 149).

Em “A grande alegria”, mais um poema de *Canto Geral*, Neruda confirma esse papel de *vox populi*, com a esperança de que seus versos sejam, um dia, compreendidos por cada trabalhador, cada camarada:

Escrevo para o povo ainda que ele não possa  
ler a minha poesia com seus olhos rurais.  
Virá o instante em que uma linha, a aragem  
que removeu a minha vida, chegará aos seus ouvidos,  
então o labrego levantará os olhos, o mineiro sorrirá quebrando pedras,  
o caldeireiro limpará a fronte,  
o pescador verá melhor o brilho  
dum peixe que palpitando lhe queimará as mãos,  
o mecânico, limpo, recém-lavado, cheio  
do aroma do sabão, olhará meus poemas,



ISSN: 1983-8379

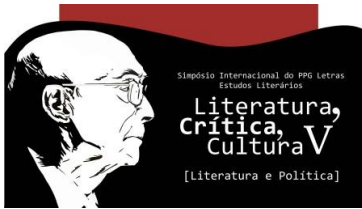
e talvez eles dirão: “Foi um camarada”.  
Isso é bastante, essa é a coroa que quero.  
Quero que à saída da fábrica e das minas  
esteja a minha poesia aderida à terra,  
ao ar, à vitória do homem maltratado.  
Quero que um jovem ache na dureza  
que construí, com lentidão e com metais,  
como uma caixa, abrindo-a, cara a cara, a vida,  
e afundando a alma toque as rajadas que fizeram  
minha alegria, nas alturas tempestuosas (NERUDA, 1984, p. 467).

Pablo Neruda enxergava no comunismo uma via para a igualdade e a liberdade. No entanto, o poeta enganou-se e percebeu os caminhos obscuros que esta ideologia havia tomado nas mãos de Stalin. Em 1956, no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, o então presidente da nação comunista, Nikita Khrushchev denunciou e expôs os crimes de Stalin.

A revelação abalou a convicção política de muitos intelectuais. Alguns romperam definitivamente com o partido, como foi o caso do amigo do poeta chileno, o escritor brasileiro Jorge Amado; outros abandonaram progressivamente a militância. Já Neruda, apesar de fazer sua autocrítica, continuou fiel à causa comunista, renovando constantemente sua adesão ao partido, até a morte. Sobre o relatório de Khrushchev, o poeta escreve em sua autobiografia:

A tragédia íntima para nós, comunistas, foi nos darmos conta de que, em diversos aspectos do problema Stalin, o inimigo tinha razão. A esta revelação que sacudiu a alma, seguiu-se um doloroso estado de consciência. Alguns se sentiram enganados, aceitaram violentamente a razão do inimigo e passaram para suas fileiras. Outros pensaram que os espantosos fatos, revelados implacavelmente no XX Congresso, serviam para demonstrar a integridade de um partido comunista que sobrevivia, mostrando ao mundo a verdade histórica e aceitando sua própria responsabilidade. Apesar dessa responsabilidade pesar sobre todos nós, o fato de denunciar aqueles crimes nos devolvia à autocrítica e à análise – elementos essenciais de nossa doutrina – e nos dava as urnas para impedir que coisas tão horríveis pudessem se repetir.

Esta tem sido minha posição: sobre as trevas, desconhecidas para mim, da época stalinista, surgia diante de meus olhos o primeiro Stalin, um homem básico e bonachão, sóbrio como um anacoreta, defensor titânico da revolução russa. Além disso, este pequeno homem de grandes bigodes se agigantou na guerra; com seu nome nos lábios, o Exército Vermelho atacou e pulverizou a fortaleza dos demônios hitleristas (NERUDA, 1983, p. 279).



ISSN: 1983-8379

Alguns críticos consideram o XX Congresso um marco na lírica nerudiana, assim como foi a Guerra Civil Espanhola. Uma ruptura no engajamento social e político seria notado em suas obras seguintes: *Tecer libro de las odes* (1957), *Estravagario* (1958); *Navegaciones y regresos* (1959). No entanto, Neruda pode ter abandonado o culto a Stalin, mas nunca suas convicções políticas. Segundo Adriane A. Vidal Costa, “nem mesmo *Estravagario*, apontado por muitos críticos como o início de um novo ciclo, pode ser considerado um livro apolítico. É um momento de autocritica, de desilusões, reflexões” (COSTA, 2006, p. 168), conforme é possível notar no trecho do poema “Testamento de otoño”:

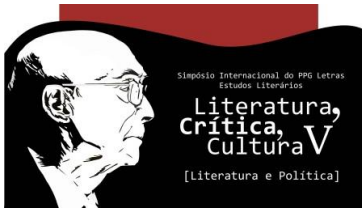
Dejé mis bienes terrenales  
a mi Partido y a mi pueblo,  
ahora se trata de otras cosas,  
cosas tan oscuras y claras  
que son sin embargo una sola.  
Así sucede con las uvas,  
y sus dos poderosos hijos,  
el vino blanco, el vino rojo,  
toda la vida es roja y blanca,  
toda claridad es oscura... (NERUDA, 1959, s/p)

Dessa forma, a política e a causa comunista jamais deixaram a vida de Neruda. Tanto que, em 1969, o poeta foi indicado pelo Partido Comunista como candidato prévio à presidência do Chile. O escritor acabou renunciando à candidatura em nome do amigo da Unidade Popular, Salvador Allende, que já havia concorrido em três pleitos anteriores. Allende foi eleito presidente do Chile em outubro de 1970, apesar da pressão contrária norte-americana, e Neruda foi indicado à embaixada chilena em Paris.

Começava assim a chamada “via chilena para o socialismo”, em que a ascensão ao socialismo ocorreria sem desintegrar os mecanismos do governo. Baseava-se apenas em mudanças de cunho social que com o tempo levariam a transição do sistema capitalista para o socialista. Entretanto, a “via chilena” foi muito atrapalhada por dissidências dos próprios esquerdistas e pelos sucessivos boicotes do capital externo que explorava e praticamente controlava as matérias-primas chilenas.

Em outubro de 1971, ainda na Europa, Neruda recebe o Prêmio Nobel de Literatura. Em 1973, o poeta renunciou à embaixada em Paris e voltou para o Chile, já ciente de seu





ISSN: 1983-8379

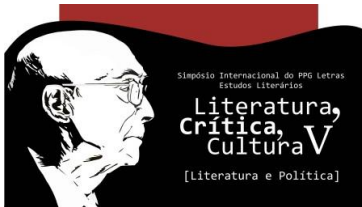
debilitado estado de saúde bem como de uma iminente guerra civil em seu país. Chegando em casa, Neruda encontra um cenário preocupante:

Cartazes anticomunistas derramavam insolência e mentira, cartazes contra Cuba, cartazes anti-soviéticos, cartazes contra a paz e a humanidade, cartazes sanguinários que prognosticavam carnificinas e Djcartas. Esta era a nova vegetação que aviltava os muros da cidade. Eu conhecia por experiência o tom e o sentido dessa propaganda. Vivi na Europa anterior a Hitler. Era justamente esse o espírito da propaganda hitlerista, o esbanjamento da mentira a todo pano, a cruzada da ameaça e o medo, o desdobramento de todas as armas do ódio contra o futuro. Senti que queriam mudar a essência mesma de nossa vida. Não conseguia entender como podiam existir chilenos que ofendiam dessa maneira nosso espírito nacional (NERUDA, 1983, p. 300).

O escritor chileno chegou a fazer um apelo aos intelectuais latino-americanos e europeus, mas seus esforços foram em vão. Os militares, dentre eles Augusto Pinochet que havia trabalhado com Allende nesse governo e o traíra artilosamente, foram apoiados pelo partido Democrata-Cristão e pelos Estados Unidos, e deram o golpe em 11 de setembro de 1973. O Palácio de La Moneda foi bombardeado e o presidente Allende assassinado na invasão. Em relação aos fatos, Neruda escreveu:

Escrevo estas rápidas linhas para minhas memórias há apenas três dias dos fatos inqualificáveis que levaram à morte meu grande companheiro, o Presidente Allende. Seu assassinato foi mantido em silêncio, foi enterrado secretamente, permitiram somente à sua viúva acompanhar o imortal cadáver. A versão dos agressores é que acharam seu corpo inerte, com mostras visíveis de suicídio. A versão que foi publicada no estrangeiro é diferente. Após o bombardeio aéreo, vieram os tanques, muitos tanques, para lutar intrepidamente contra um só homem: o Presidente da República do Chile, Salvador Allende, que os esperava em seu gabinete, sem outra companhia a não ser seu grande coração envolto em fumaça e chamas. Não podiam perder uma ocasião tão boa. Era preciso metralhá-lo porque jamais renunciaria a seu cargo. O corpo foi enterrado secretamente num lugar qualquer. O cadáver que foi para a sepultura acompanhado por uma única mulher, que levava em si mesma toda a dor do mundo, a gloriosa figura morta ia crivada e despedaçada pelas balas das metralhadoras dos soldados do Chile, que outra vez tinham atraído o Chile (NERUDA, 1983, p. 305-306).

Doze dias depois, em 23 de setembro, Pablo Neruda calou-se definitivamente. Debilitado com um câncer de próstata, o poeta morreu em Santiago tendo visto ruir o promissor e tão sonhado governo socialista de Salvador Allende. A opinião pública mundial ficou estarecida ao saber que após sua morte, sua casa em Valparaíso e em Santiago, onde o corpo era velado, foram saqueadas e destruídas.



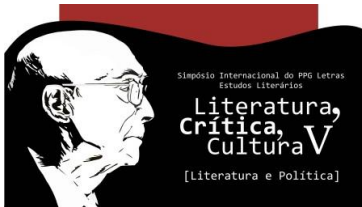
ISSN: 1983-8379

De sua obra engajada é possível depreender que – em meio a tantas guerras, governos despóticos e um exílio forçado – Pablo Neruda cantou a esperança num mundo melhor e mais justo. Como o próprio poeta escreve em sua autobiografia:

Coube a mim sofrer e lutar, amar e cantar; couberam-me na partilha do mundo o triunfo e a derrota, provei o gosto do pão e o do sangue. Que mais quer um poeta? E todas as alternativas, desde o pranto até os beijos, desde a solidão até o povo, perduram em minha poesia, atuam nela porque vivi para minha poesia e minha poesia sustentou minhas lutas. E se muitos prêmios alcancei, prêmios fugazes como mariposas de pólen fugitivo, alcancei um prêmio maior, um prêmio que muitos desdenham mas que é na realidade inatingível para muitos. Cheguei através de uma dura lição de estética e de busca, através dos labirintos da palavra escrita, a ser poeta de meu povo. Meu prêmio é esse, não os livros e os poemas traduzidos ou os livros escritos para descrever ou dissecar minhas palavras. (NERUDA, 1983, p. 154)

### Referências bibliográficas

- BEVERLEY, John. Post-literatura: Sujeto subalterno e impase de las humanidades. In.: Una modernidad obsoleta: Estudios sobre el barroco. Los Teques: Fondo Editorial ALEM, 1997. p. 129-155.
- COSTA, Adriane A. Vidal. Pablo Neruda: um poeta engajado. Revista História e Perspectivas, Uberlândia, v. 1, n. 35, p. 133-174, jul./dez. 2006.
- GODOY, Elena. Sobre a poesia política de Neruda. Revista Letras, Curitiba, n. 65, p. 71-91, jan./abr. 2005.
- LOYOLA, Hernán. Canto General: itinerario de una escritura. Cuadernos Fundación Pablo Neruda, Santiago, n. 3, p. 36-42, 1999.
- NERUDA, Pablo. Canto Geral. 6. ed. Trad. Paulo Mendes Campos. São Paulo: Difel, 1984.
- \_\_\_\_\_. Confesso que vivi. 16. ed. Trad. Olga Savary. São Paulo: Difel, 1983.
- \_\_\_\_\_. España en el corazón - himno a las glorias del pueblo em la guerra. Disponível em: <[http://www.archivochile.com/Homenajes/neruda/de\\_neruda/homenajepneruda0010.pdf](http://www.archivochile.com/Homenajes/neruda/de_neruda/homenajepneruda0010.pdf)>. Acesso em: 29 jun. 2010. [1937].
- \_\_\_\_\_. Nuevo canto de amor a Stalingrado. Disponível em: <<http://santosnegrón.tripod.com/lasoledadylosestudios/id23.html>>. Acesso em: 21 jun. 2010. [1943].



ISSN: 1983-8379

\_\_\_\_\_. Tenéis que óirme. Disponível em: <<http://www.neruda.uchile.cl/obra/obrauvasyelviento1.html>>. Acesso em: 21 jun. 2010. [1954].

\_\_\_\_\_. Testamento de otoño. Disponível em: <<http://www.poemas-del-alma.com/pablo-neruda-testamento-de-otonio.htm>>. Acesso em: 10 jul. 2010. [1959].

NEVES, Eugenia. El compromiso americano en la poesía de Neruda. Disponível em: <[http://www.archivochile.com/Homenajes/neruda/sobre\\_neruda/homenajepneruda0035.pdf](http://www.archivochile.com/Homenajes/neruda/sobre_neruda/homenajepneruda0035.pdf)>. Acesso em: 21 jun. 2010. [1999]

SKREPETZ, Inês. Neruda e a Guerra. Revista Luminária, União da Vitória, v. 1, n. 8, p. 73-82, 2007.